

SOB O
MESMO
LUAR

AUGUSTO ALVARENGA

SOB O
MESMO
LUIAR



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Augusto Alvarenga, 2019

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Alvarenga, Augusto

Sob o mesmo luar / Augusto Alvarenga – 1ª edição – São
Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-88-5

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Drama 3. Romance



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

PRÓLOGO

“Às vezes sinto que este ônibus nunca vai parar de andar.

Já cansei de me perguntar quantos quilômetros a gasolina aguenta, mas parece que muito. Ouvi a maioria das músicas que tenho no celular, cochilei pelo menos quatro vezes, e ainda não cheguei.

Gosto de reparar na vista pela janela, a paisagem muda muito e sinto que já ultrapassei uns cinco universos. Sei que estou indo pra longe da senhora, mas meu coração parou de apertar depois da sexta hora de viagem. Agora não sei se fiquei anestesiado ou se a angústia da saudade já me entorpeceu. Talvez dê na mesma.

Eu sabia que estava indo longe, vó. Sei que isso foi o melhor, e sei que é o que você queria pra mim, mesmo eu não querendo deixá-la para trás. Juro que você está em toda parte de mim.

Agora vejo as árvores — que são enormes e não caberiam no seu jardim — balançarem com violência. Dá até pra ouvir uma espécie de uivo, e acho que estamos subindo a colina. Quem sabe o nome da ilha não seja só especulação: lembra quando nos perguntamos sobre isso e rimos no balcão da cozinha?

Sinto que estou longe de você, mas acho que cheguei a Vento Ventania.

Nós vamos ficar bem, né, vó?

Amo você,

Matheus.”

FEVEREIRO



O ônibus estaciona na rodoviária de Vento Ventania às 19h40. Sei que ainda é horário de verão, afinal é o que temos mesmo sendo meados de fevereiro. O céu está estranhamente roxo. Sempre tive a sensação de que quando está dessa cor, o céu indica que algo importante pode acontecer; só nunca sei se é algo bom ou ruim.

O vento gélido me atinge assim que desço o último degrau do ônibus, fazendo um arrepio correr meu corpo inteiro, o que me obriga a fechar o casaco verde. Abraço meu próprio corpo e encaro a lataria do ônibus. Por algum motivo ela está completamente suja de terra, e me sinto quase confuso: não me lembro de termos passado em nenhuma estrada de terra ou de chuva ter nos encontrado no meio do caminho. De qualquer forma, deixo essa dúvida de lado e abro caminho entre as pessoas até pegar a minha mala, que está na calçada junto com as muitas outras que o motorista do ônibus atira para fora sem a menor preocupação.

Coloco a alça vermelha em um dos ombros e saio andando com dificuldade enquanto o peso da mala me puxa para baixo.

Sigo o fluxo de pessoas que vai em direção a uma placa enorme que sinaliza um ponto de ônibus. Conferi o trajeto na internet e, pelo que aprendi, pegarei um ônibus aqui em direção à “parte baixa”, onde fica meu albergue. De acordo com as fotos das casas coloniais, vou saber imediatamente quando chegar ao centro da cidade. E de lá... Bem, me viro. Passo pela catraca após pagar a passagem e vou me sentar na última fileira de assentos. Com a mala no banco livre ao meu lado, encosto a cabeça

na janela, exausto. O ônibus dá a partida pouco tempo depois, fazendo com que tudo balance com certa violência antes de voltar ao normal, vez ou outra voltando à agressividade ao passarmos por um buraco na rua.

Da janela consigo ver pessoas sorridentes, que pouco parecem se importar com a ventania. Todos usam agasalhos e roupas em tons sóbrios, e agora algumas luzes começam a se acender pelo caminho. Acho engraçado perceber a quantidade de bares — uns arrumadinhos e outros nem tanto — pelo caminho. A maioria deles está bem cheio, então lembro que vou morar em uma cidade universitária, e universitários... Bem, eles bebem.

Os prédios simples e casas dão lugar a construções históricas e casarões coloniais brancos com janelas coloridas: azuis ou vermelhas. O chão passa a ser de pedra e o ônibus tremula mais que o normal. Vejo, muito adiante na rua, a escuridão que imagino ser o mar.

Do meu lado esquerdo leio uma placa que diz “Parte baixa”, e sei que preciso descer. Pego minha mala e dou sinal para o motorista, que freia bruscamente e quase me faz voar para a frente do ônibus. Ainda assim, me seguro e dou um sorriso em agradecimento.

Minha avó sempre me disse que sorrisos conquistam pessoas, e, chegando em um lugar onde não conheço ninguém, acho que sorrir pode ser uma ferramenta poderosa até que eu faça algumas amizades.

Ao saltar do ônibus, tenho a sensação imediata de estar em Ouro Preto. Não que eu já tenha estado lá, mas já vi fotos e, sinceramente, é a mesma coisa exceto pelo mar no fim da rua. Daqui consigo ver quase toda a ilha de Vento Ventania e... Uau! A vista é incrível.

As pessoas passam por mim na ruazinha estreita e iluminada em direção à orla no fim da rua, e outras em direção aos bares, e então percebo que não sei que caminho seguir. Vou até uma casa que está com as janelas de madeira abertas e um cheiro delicioso de comida vem lá de dentro. Eu me aproximo um pouco, sem querer parecer um psicopata que espia casas alheias, e uma senhora muito simpática surge do nada, antes mesmo que chame, ligando a televisão e gritando coisas que não consigo entender.

— Com licença, moça... — Eu chamo a atenção dela, que me olha sorrindo. — Como faço pra chegar no Albergue da Cidade?

— Oi, menino. — Ela vem na minha direção e se apoia na janela. — Você é mais um que veio aqui estudar, né?

— Sim. Cheguei hoje.

Aponto para as malas.

— Bem-vindo a Vento Ventania. — Vejo os braços dela se agitarem, energéticos. — Aqui é frio, mas você vai se acostumar. Só tente usar alguma coisa mais quente que isso.

Me lembro da minha avó no mesmo segundo em que ela aponta para o meu casaco fino. Sinto uma pontada no peito, porém ignoro o sentimento.

— Ah, tudo bem, tenho mais roupas aqui. Hum... você sabe como chego lá?

— Sei — responde e volta para dentro da janela, me deixando confuso. Alguns segundos depois a porta da casa se abre e ela sai lá de dentro, menor do que parecia ser um segundo atrás. — Você sobe até ali, vira à direita e é a terceira casa, de frente pra lamparina. Todo mundo conhece pela lamparina. E pelo barulho que vem lá de dentro, é um caos.

— Ah, muito obrigado. — Dou o sorriso mais simpático que meu cansaço permite. — Acho melhor eu ir, então... Prazer!

— O prazer é meu, filho! Aproveita Vento Ventania, tá bem?

— Pode deixar! — digo sem muita certeza. — Vou aproveitar.